

## Atividades Musicais de Crianças entre 08 meses e 06 anos de idade

Taís Helena Palhares

UFMT

[tais Helenap@gmail.com](mailto:tais Helenap@gmail.com)

Alexsandra Matos

UFMT

[alexssandra\\_2008@hotmail.com](mailto:alexssandra_2008@hotmail.com)

### Comunicação

**Resumo:** A presente pesquisa em andamento propõe a realização de uma análise das atividades musicais realizadas por crianças entre 08 meses e 06 anos de idade considerando o seu desenvolvimento cognitivo-musical. Ainda serão consideradas nesta análise as vocalizações dos bebês e o canto espontâneo das crianças maiores, bem como a caracterização da grafia musical produzida pelas crianças entre 04 e 06 anos de idade. Todas estas crianças estão inscritas em um curso na modalidade extensão oferecido pelo Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso. As aulas serão gravadas em uma filmadora digital permitindo uma análise posterior mais detalhada. Os responsáveis pelas crianças inscritas se comprometerão a gravar as vocalizações e o canto espontâneo em situações rotineiras para que as mesmas sejam transcritas e analisadas. A produção da grafia musical pelas crianças será caracterizada considerando a vivência e o contexto da criança.

**Palavras chave:** vocalizações – grafia musical – atividades musicais

### Introdução

O interesse pelo comportamento e habilidade musicais de crianças tem estado cada vez mais presente nas pesquisas realizadas nas últimas décadas. Estas pesquisas, muitas vezes desenvolvidas de modo interdisciplinar, abrangem diversas áreas tais como neurologia, psicologia, educação, educação musical, fonoaudiologia, entre outras. Questões relacionadas aos balbucios e à percepção de elementos da música pelos bebês, ao comportamento emocional e cognitivo dos bebês no tocante à música; à preferência dos bebês em relação a vários elementos musicais, ocupam um espaço considerável nas pesquisas realizadas na academia.

Ao nascer, o bebê interage com o seu meio produzindo diferentes tipos de sons, os quais comunicam o seu estado emocional e são diferentes conforme a sua idade. Parizzi (2007) aponta

três níveis de *expertise* vocal durante o desenvolvimento pré-verbal<sup>1</sup> dos bebês: no primeiro nível (em torno dos dois meses de idade) a criança “torna-se capaz de produzir e de modular, através de vogais, seus primeiros sons melódicos vocais” (p.109), direcionada pela fala dos pais. O segundo nível (em torno dos quatro meses de idade) caracteriza-se como “jogo exploratório”, fase em que o bebê brinca com a voz, repetindo e/ou modificando os sons; os pais e os cuidadores também participam neste nível oferecendo modelos. O bebê se manifesta de maneira social quando se comporta chamando a atenção das pessoas, sendo característico desta fase, o “balbucio musical”. No terceiro nível, o bebê é capaz de interagir através dos denominados “balbucios canônicos”. Estudos apontados pela autora revelam que as sílabas repetidas neste período (“mamama ou dadada”) são comuns em todas as línguas do mundo, e estes sons vão se transformando em palavras com o decorrer do tempo. Para Parizzi a música vocal das crianças demonstra uma evolução semelhante ao desenvolvimento cognitivo, sendo o canto espontâneo a representação de sua percepção do mundo.

Beyer (2005) observou, através de pesquisa, que os tipos de balbucios, apesar de serem variáveis no que diz respeito à faixa etária, obedeceram determinadas etapas em bebês participantes do projeto “Música para bebês” do Departamento de Música/UFRGS, as quais coincidem com os níveis apontados por Parizzi. Primeiramente apareceram sons aproximados a vogais, gradativamente foram sendo exploradas novas sonoridades e possibilidades vocais (suspiros, grunhidos, etc.), depois surgiram novas combinações com encontros consonantais ou improvisações com sílabas curtas e longas, surgindo também a repetição de sílabas, utilizadas também na comunicação entre bebês e pais/pessoas próximas. De acordo com a autora, não é comum estas proto-palavras aparecerem nas improvisações musicais, pois estão mais ligadas à ação comunicativa dos bebês. As aulas de música realizadas para o desenvolvimento da pesquisa, proporcionaram uma ampliação de exploração vocal pelos bebês, principalmente no momento imediato ao término da aula, momento em que os bebês estavam à vontade com seus pais/cuidadores numa situação individual.

---

<sup>1</sup> Seguindo-se a fase pré-verbal, tem-se a fase Holofrásica, a Telegráfica, a das Orações Complexas e a da Intuição Linguística (ver Costa, 2007).

Tafuri e Villa (2002) detectaram a reprodução do canto em bebês de 2, 4, 6 e 8 meses de idade, os quais são apresentados através da transcrição com o espectrograma, as notas e as frequências. De acordo com as autoras, muitas crianças cantam intervalos bem claros aos 2-4 meses e pequenas canções aos 6-8 meses de idade. A pesquisa foi realizada envolvendo gestantes no 6º mês de gestação e 45 dias após o nascimento dos bebês e tinha como meta verificar se as crianças que receberam estímulo musical adequado e contínuo a partir do 6º mês de vida pré-natal são capazes de cantar afinado. As mães do grupo experimental (existia um grupo controle) frequentaram um curso promovido pelas pesquisadoras, tanto no período gestacional como depois que os bebês nasceram e faziam registros em casa através de diário e gravações.

Na maioria dos casos, os pais são os primeiros a cantar para os bebês, constituindo o canto uma das principais atividades de relacionamento entre os mesmos. De acordo com Ilari (2006), os pais cantam para os seus bebês de uma maneira especial e totalmente diferente de outras execuções musicais. Este canto é conhecido como CDB ou canto direcionado ao bebê. Nas pesquisas apontadas por Ilari (2006) verificou-se que, apesar de existirem diferenças entre o repertório cantado por pais e o repertório cantado por mães<sup>2</sup>, o tipo de envolvimento, afetividade e expressividade é o mesmo.

Palhares (2014) verificou, através de pesquisa realizada com dois bebês específicos, que as vocalizações produzidas por estes dois bebês se caracterizaram como pequenas canções, apresentando semelhanças com músicas conhecidas e um interesse pelo silêncio.

Estas vocalizações, mesmo não seguindo a organização do sistema diatônico, predominante na sociedade ocidental, apresentam claramente trechos com intervalos e ritmos definidos, caracterizando-se como pequenas canções. As pausas que aparecem nas mesmas acontecem ou por decorrência da necessidade da respiração, ou mesmo compreendendo vários segundos em silêncio, demonstrando um interesse do bebê também pelo silêncio. (PALHARES, 2014, p.61-62)

---

<sup>2</sup> Os estudos realizados e discutidos por Ilari (2006) detectaram que as canções executadas pelas mães eram mais simples e tradicionais do que aquelas cantadas pelos pais.

Segundo Ilari (2002) a música é dirigida aos bebês com duas finalidades, quais sejam, propiciar o sono ou o entretenimento<sup>3</sup>. Para cada uma destas finalidades existe um estilo próprio: a canção de ninar e a canção de brincar, as quais se caracterizam pela simplicidade e se diferenciam pelo andamento. Esta mesma autora em um outro estudo (2006), fundamentando-se em relatos de pesquisadores, elenca os seguintes fatores que influenciam o canto dirigido aos bebês: estilo das canções, contextos em que são utilizadas, sexo do bebê e papel social do responsável pelo canto.

Por outro lado, a percepção dos elementos musicais pelos bebês tem sido tema de várias pesquisas, as quais utilizam um repertório variado. Segundo Ilari (2002), pesquisadores têm se preocupado em estudar estes elementos conciliando-os à produção e reprodução pelos bebês desde a mais tenra idade<sup>4</sup>, contrariando totalmente a ideia de que o bebê é um ouvinte passivo.

Beyer (2001), estudando a interação dos bebês com instrumentos musicais verificou que os mesmos reagem diferente conforme a idade em que se encontram. Em suas observações, a autora notou que, no primeiro semestre de vida, os bebês sorriram quando ouviram o instrumento e, quando possível, pegaram o mesmo colocando-o na boca. No segundo semestre de vida, a maioria conseguiu segurar e sacudir o instrumento, ao mesmo tempo em que alguns bebês balbuciavam enquanto sacudiam. Já no terceiro semestre, os bebês procuraram interagir com o instrumento, sacudindo ou batendo um maior número de vezes, frequentemente olhando para as outras crianças para ver como é que se fazia. No quarto semestre de vida, foram mais frequentes as interrupções nas tentativas de tocar o instrumento, ao mesmo tempo em que se expressaram com o corpo, algumas vezes se acompanhando com um balbucio musical.

Bamberger (1990), através de pesquisas realizadas, aponta o aparecimento do mesmo tipo de notação daquela produzidas por adultos sem formação musical, em crianças entre 09 e 12 anos de idade, apontando questões relacionadas à natureza destas notações e levantando a possibilidade para a realização de mais pesquisas, inclusive envolvendo sujeitos de todas as

---

<sup>3</sup>Ilari (2006) aponta ainda uma terceira finalidade que aparece conforme a criança se desenvolve e que diz respeito à executar e compartilhar experiências musicais.

<sup>4</sup> Apesar da maioria destes estudos serem feitos com bebês a partir de cinco meses de idade, devido à dificuldade encontrada para se realizar com bebês mais novos (ver Ilari, 2006).

idades. No entender desta pesquisadora, o fato de não haver uma propagação do ensino da grafia musical e nem a divulgação em série da mesma permite a realização de pesquisas com pessoas consideradas não sugestionáveis pelos padrões da grafia tradicional.

A ausência de ensino generalizado da notação musical e de exemplos dessa notação no meio ambiente nos abre possibilidades de experimentação com um grande número de sujeitos de todas as idades cuja apreensão da música não tenha sido influenciada pelas convenções da notação... (BAMBERGER, 1990, p.97)

Neste sentido, a grafia tradicional apresenta influência quase inexistente em crianças de pouca idade, considerando a ausência do ensino de música nas escolas brasileiras. De qualquer forma, mesmo se o ensino de música estivesse presente nestas escolas, a tendência atual é priorizar a vivência para depois ensinar a grafia e as crianças estudadas estariam, ainda assim, na fase da vivência musical.

Diante do exposto, propõe-se uma pesquisa que investigue o modo como as crianças que participam do projeto de extensão “Música com Bebês” oferecido pela UFMT se relacionam com as atividades musicais (rítmicas, melódicas, de textura e de intensidade) realizadas, considerando o seu desenvolvimento cognitivo-musical, suas vocalizações e o seu canto espontâneo, e o modo como percebem e grafam os sons. Parte-se das seguintes questões: quais as características das atividades musicais dos bebês no período compreendido entre 8 e 48 meses de idade? Como os bebês entre 08 e 48 meses de idade se relacionam com a música? Como se caracterizam as vocalizações e o canto espontâneo dos bebês no que diz respeito à altura e ritmo? De que forma as crianças percebem o som e produzem a grafia dos mesmos?

Partindo-se das questões levantadas, propõe-se, como meta a ser atingida, uma análise das atividades musicais realizadas por crianças entre 08 meses e 06 anos de idade participantes do projeto de extensão “Música com Bebês”, tendo como referência (teórica) a teoria do desenvolvimento humano de Vygotski, e as pesquisas realizadas por Tafuri e Villa (2002), Palhares (2014) e outras.

## **Objetivos e adaptações**

Este projeto tem como objetivo geral, investigar o modo como as crianças se relacionam com as atividades musicais propostas no projeto de extensão “Música com Bebês” que atende crianças com idade entre 08 meses e 06 anos de idade. Como objetivos específicos propõe-se os seguintes: caracterizar as vocalizações dos bebês de 08 a 23 meses, caracterizar o canto espontâneo das crianças entre 02 a 04 anos de idade; priorizando aquelas que enfocam o desenvolvimento cognitivo nos primeiros anos de vida; caracterizar os tipos de grafia utilizadas pelas crianças entre 04 e 06 anos de idade.

Para se alcançar estes objetivos, foi proposto, pelo Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, um curso na modalidade Extensão oferecido para a comunidade externa atendendo crianças entre 08 meses e 06 anos de idade. As aulas são ofertadas no período matutino e os pais das crianças até 04 anos devem participar das aulas juntamente com as crianças. A turma composta por crianças entre 04 e 06 anos tem a participação dos pais somente no momento final da aula, quando se coloca uma música de relaxamento. Este curso teve início em março de 2016 e se estenderá até dezembro deste mesmo ano.

Inicialmente, a proposta era de se estudar as atividades musicais de 39 crianças (13 bebês entre 08 e 23 meses; 13 crianças entre 24 e 47 meses; e 13 crianças entre 48 e 72 meses de idade). Porém, quando as inscrições para o curso foram abertas para a comunidade a demanda superou em muito as expectativas. 117 crianças foram inscritas no curso em apenas dois dias de inscrição (o sistema para inscrição foi fechado no segundo dia) e, conseqüentemente, o número de crianças a serem estudadas sofreu ampliação. Está sendo necessária a atuação de 04 bolsistas alunos do curso de Música – Graduação (licenciatura e bacharelado) e a análise dos dados envolverá um tempo maior que o previsto.

## Metodologia

O que se propõe é analisar o modo como os bebês e as crianças participantes do projeto se relacionam com as atividades musicais propostas tendo em vista o seu desenvolvimento

cognitivo-musical, caracterizando-se como Estudo de Caso com observações naturalísticas (abordagem qualitativa) e sistemáticas (abordagem quantitativa).

De acordo com Lüdke e André (1986), o Estudo de Caso se dá em três fases, quais sejam, a fase exploratória; a delimitação do estudo e a análise sistemática e elaboração do relatório. Fundamentando-se em Nisbet e Watt, os autores afirmam ser difícil delimitar as linhas que separam estas três fases, sendo que em diversos momentos elas se sobrepõem.

Na primeira fase são determinadas as questões e os pontos críticos do objeto de estudo, na tentativa de captar a realidade tal como ela é, procurando não interferir com desejos de mudanças. Esta postura deve estar presente em todo o desenvolvimento do trabalho.

Dentro da própria concepção de estudo de caso que pretende não partir de uma visão predeterminada da realidade, mas apreender os aspectos ricos e imprevistos que envolvem uma determinada situação, a fase exploratória se coloca como fundamental para uma definição mais precisa do objeto de estudo (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.22).

Nesta fase exploratória, as questões foram especificadas conforme se pode observar acima. Além disso, foi estabelecido o período compreendido entre 8 meses e 06 anos de idade das crianças para a realização da pesquisa.

A segunda fase, delimitação do estudo, se caracteriza pela coleta de informações de modo sistemático, e está acontecendo, principalmente, através de observações naturalísticas e sistemáticas. Inicialmente, as crianças participarão de aulas semanais com duração de 30 minutos para os bebês até 02 anos de idade, e 45 minutos para as crianças entre 02 e 06 anos. Depois da aplicação de 06 meses de aula, será solicitado ao responsável que proponha para a criança a criação de uma música para uma borboleta. Para isso, será entregue o desenho de uma borboleta e dado o prazo de uma semana para a realização da atividade. Poderão ser gravadas quantas criações quiserem. Na semana seguinte será entregue ao responsável de cada criança um CD com uma música gravada, solicitando que reservem um momento do dia (de preferência um momento em que a criança esteja bem descontraída), durante uma semana, para a audição do CD. Porém, a música gravada no CD não será a mesma para todas as crianças. Metade da turma receberá uma música e a outra metade, outra música, apesar das duas possuírem o

mesmo tema: borboleta. Esta audição permitirá que a criança se familiarize com as músicas e com o tema. Na aula a ser realizada depois desta semana, as atividades serão desenvolvidas a partir das duas músicas ouvidas pelas crianças. Na semana seguinte, será a vez da gravação de músicas criadas pelas crianças para a borboleta. A aula será gravada numa vídeo-câmera digital e, posteriormente em DVD. Estas gravações irão facilitar a análise posterior, uma vez que as mesmas permitem observar detalhes que não foram possíveis serem observados no momento da coleta. Além disso, as vocalizações serão transcritas e analisadas.

A partir desta primeira análise será feita uma análise comparativa entre as produções crianças, permitindo identificar semelhanças e diferenças entre as mesmas. A análise individual será extremamente necessária para a análise comparativa posterior. As categorias de análise ainda estão sendo definidas.

Paralelamente ao estudo das vocalizações, será trabalhada uma grafia alternativa durante a realização das aulas. Será proposto para as crianças desenharem sons específicos ou, também, produzirem sons grafados. A partir dos desenhos e das execuções, serão estabelecidas as categorias de análise.

Da mesma forma, as aulas realizadas semanalmente serão submetidas a análise, relacionando-as com as categorias estabelecidas para a análise das vocalizações bem como com as categorias estabelecidas para a análise das grafias.

É importante ressaltar, como o fazem Lüdke e André (1986) que estas fases não se caracterizam como uma sequência linear, sendo que em muitos momentos elas se superpõem, “sugerindo apenas um movimento constante no confronto teoria-empíria” (p.23). Mesmo porque, nas situações de ensino, as atividades são planejadas considerando as respostas e o comportamento das crianças durante a execução das atividades anteriores.

## Referências

BAMBERGER, j. As estruturas cognitivas da apreensão e da notação de ritmos simples. In: SINCLAIR, H. (org.). *A produção de notações na criança*. linguagem , número, ritmos e melodias. São Paulo: Cortez, 1990, p.97-124.

BEYER, Esther. Do Balbucio ao Canto do Bebê em sala de Aula. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 1, 2005, Curitiba. *Anais ...* p.350-356.

COSTA, M. M. M. Psicolingüística e Musicalização. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 3, 2007, Salvador. *Anais ....* p. 120-124.

ILARI, B. S. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, 7, set, 2002, p.83-90.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. In: ILARI, B. S. (org.) *Em Busca da Mente Musical. ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006, p.271-302.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PALHARES, T.H. O desenvolvimento cognitivo-musical de gêmeos fraternos. *Revista da ABEM*, Londrina, v.22, n.32, 2014, p.52-64.

PARIZZI, Maria Betânia. O canto espontâneo como manifestação do desenvolvimento cognitivo-musical da criança. SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 3, 2007, Salvador. *Anais ....* p.107-114.

TAFURI, J.; VILLA, D. Musical elements in the vocalisations of infants aged 2-8 months. *British Journal Music Education*, Cambridge, v. 19, n.1, p.73-88, 2002.